

EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje quinta-feira á 1 hora da tarde; aos Srs. que, o mais tardar, quatro horas depois, a não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

CONHECIMENTOS UTEIS.

¿ QUEM ACCODE A TRAZ-OS-MONTES ?

2736 HA ERAS particulares para certos logares. O terremoto de 1755 fez era para Lisboa. A destruição dos olivares na despedida do anno de 1843 faz era para Traz-os-Montes. Mas lá depois do terremoto, ainda alguns viram as suas cazas reedificadas; nós estamos de peor, porque nem filhos nem talvez netos verão aqui os olivares replantados.

Com lamentos porém não se curam males reaes, e só sim com diligencias e tempo — *itaque audendum*. ¿ Mas quaes são n'esta calamidade os remedios a que nos havemos de soccorrer? As nossas oliveiras constituam o *artigo de fundo* da nossa subsistencia. Tudo quanto nos ficou, são adjectivos, que não podem estar na oração sem substantivo. Nós convidamos, ou antes emprazamos a todos os sabios, philosophos, agronomos, naturalistas e economistas, conhecedores do nosso terreno, para que nos communiquem suas idéas e pareceres sobre o modo com que poderemos substituir convenientemente o que perdemos. Fôra isto obra de tanta caridade como a de guiar um caminhan-te, que em noite escura entre espessas matas, e medonhos precipicios anda vagando, já prestes a succumbir, e conduzil-o, se não á estrada real, pelo menos a caminho trilhado. Tracta-se de accudir á maior parte de uma provincia, que se revolve entre os paroxismos da morte. Uma obra tão philantropica ainda val bem a pena de occupar por alguns momentos as pennas dos sabios, cuja tarefa mais valiosa é instruir os ignorantes que o supplicam.

Encetando pois a discussão: tres são os meios, que naturalmente se offerecem á nossa consideração para seguirmos algum caminho, que nos conduza a obtermos de que subsistir, ainda mesmo renunciando o pensamento de conseguir inteira reparação dos males com que a Providencia quiz castigar-nos.

São estes meios:

- 1.º Restabelecer a cultura das oliveiras.
- 2.º Lançar mão de outras plantações proprias do terreno.
- 3.º Limitar-nos á cultura dos cereaes, e outros alimentos, que a terra possa produzir.

Quanto ao primeiro, pôde haver tres methodos de restabelecer os olivares: 1.º por sementeira: 2.º por meio de viveiros: 3.º por meio de estacas, segundo a pratica commum.

O 1.º parece inconveniente: os caroços de azeitonas rariissimas vezes nascem; e quando isso se obtém, saem oliveiras bravas, e de má qualidade, sendo indispensavel enxertal-as. O processo por alguém lembrado de dar a comer azeitonas a perús, em cuja moela se lhe extrae o oleo que embaraça a germi-

minação, não sei que tenha tido bons resultados, e quando os tivesse, sempre dariam oliveiras de má qualidade.

O 2.º tambem teria difficuldades e inconvenientes. ¿ Aonde se poderá ir buscar a grandissima quantidade de vergonteas para formar os viveiros? Algum ramo que por acaso sirva para isso, e se achar em alguma das nossas oliveiras que por fortuna sobreviva, nem chega para o que é necessario nem pôde ser capaz. ¿ Quanto tempo é mister para as oliveirinhas estarem aptas para serem transplantadas para onde devem ficar? ¿ Quanto tempo é mister para vegetarem, e se fazerem oliveiras? É verdade que este é o melhor methodo para se obterem oliveiras mais sãs, duradoiras e formosas, mas a tardança faz desanimar, e muito mais quando a necessidade de obter recursos é urgentissima. Cantou o poeta latino — *Inserere Daphni puros, carpent tua poma nepotes* — os netos poderão comer as peras, mas das oliveiras por este processo pouca fructa poderão colher: é muito bom para accrescentar olivares, mas muito mesquinho para os fundar.

Pelo que pertence ao 3.º modo das estacas, esse reputo eu inteiramente impraticavel. ¿ Aonde se poderão ir buscar tantos milheiros de estacas como são necessarios? ¿ Quem se atreverá a vendel-as e deixar fazer nos seus olivados o destroço que para isso fôra mister? ¿ Que despeza não seria preciso fazer na condução para aqui por ser preciso ir buscá-las a grandes distancias, por se achar este terreno rodeado de logares, aonde não ha oliveiras? ¿ Que esperança poderia haver de que as estacas prendessem, tendo forçosamente mediado muito tempo entre o corte e a plantação? ¿ Aonde se poderão ir buscar, que não estejam mais ou menos tocadas do mal que aqui se experimentou? Quanto a fazer estacas dos ramos quebrados pelo gêlo — fôra, presumo eu, trabalho perdido, attento o estado em que elles se acham. Por estas razões parece inadmissivel este meio.

Emquanto ao segundo recurso, isto é, lançar mão de outras plantações, a primeira que se offerece é a cultura das vinhas. Sobre ella é necessario notar que para uso e abuso dos habitantes da provincia já temos vinho de sobejo em toda ella; e para objecto de exportação elle não pôde servir pela razão de não ter as qualidades necessarias para soffrer embarque, e pela razão da despeza, que deve fazer na condução até aos portos por causa da distancia, e más estradas. A isto accresce que deve tractar-se com preferencia de aproveitar os terrenos, em que estavam os nossos olivares, que pela maior parte eram valles, notoriamente improprios para produzir bom vinho.

Da cultura das amoreiras pouco pôde esperar-se. Este negocio tem sido por vezes experimentado, e até com impulso do governo, sem que tenha produzido resultados satisfatorios, antes sim despezas perdidas, pelo que se acha abandonado. Os ares da provincia são sobremaneira destemperados. Continuamente se vê no tempo da criação dos bichos de seda, revezarem-se em um instante grande calor, e grande frio, sendo um como o outro prejudicial á mesma criação. Os habitantes são pobres, e não tem cazas assaz reparadas para pôrem os bichos abrigados das intemperies: muitas vezes é necessario accender fogo juncto a ellos.

Tem mais contra si o inconveniente de que os bichos morrem de ordinario quando estão para subir ao ramo, e quando tem já dado trabalho, e feito toda a despeza.

Passando ao ultimo recurso, que são os cereaes, e alimentos que podem ser tirados da terra, bem se vê que elle é insufficiente. Os animaes, e ainda os povos selvagens, poderiam contentar-se com isso; mas o homem collocado na sociedade não vive só de pão, e tem outras muitas precisões, que é necessario satisfazer, ou tornar-se selvagem. Nós os transmotaes, que dedicavamos todos os nossos cuidados e esforços á cultura das oliveiras de que viviamos, e que eram o nosso — tudo — fomos d'ellas despojados, e portanto não temos nada; e sobre isso estamos esmagados com tributos (só para expostos paga o districto de Bragança mais de 20,000 crusados) não tendo de que tirar dinheiro para os pagar, e para supprir as mais despesas indispensaveis: brevemente não teremos com que comprar um capote para nos abrigarmos, e nem camisas teriamos, se na terra não tivessemos meios de as haver.

Tamanha desgraça deverá conciliar a attenção da nossa Augusta Soberana, dos corpos colegislativos, e do ministerio, e excitar a compaixão de todos os portuguezes, e de todos os entes sensiveis, que sabem avaliar quanto é doloroso o cair de um estado de subsistencia economica, mas folgada, para uma profunda miseria. Ainda agora nos accresce outro forte motivo de dissabor, e vem a ser, que segundo as experiencias que se tem feito, essa ruim azeitona, que se tem podido colher, não chega a render a quarta parte do azeite costumado, e esse mesmo é de muito mau sabor, de fórma que não cobre as despesas da colheita, e feitura, o que tem concorrido para que muitos despresem o que ainda existe nas oliveiras, as quaes largam a folha primeiro que a azeitona. Para cumulo da desgraça até fomos defraudados d'esta pequena *luctuosa*, que as oliveiras nos deixavam por legado.

Caso que se queira providenciar alguma coisa em nosso favor, como é de esperar, não deverá tomar-se decisão definitiva antes do fim da primavera, que é quando poderá conhecer-se toda a extensão dos prejuizos, por quanto ha razão para suppor que pouquissimas oliveiras poderão sobreviver, em razão das grandissimas geadas que tem continuado sem interrupção. Todas as apparencias boje (18 de fevereiro) fazem crer que ellas estão inteiramente mortas.

Novamente repetimos a appellação para todos os sabios conhecedores d'este desafortunado paiz, e rogamos — *instanter, instantius, instantissime* — queiram communicar-nos seus pareceres sobre os recursos que poderemos ter, para aliviar o peso dos males, que nos oprimem, e restabelecer alguma agricultura, de que possamos subsistir.

Tras-os-montes 18 de fevereiro de 1844.

J. M.

AGRICULTURA.

ARROZ.

2737 Já no jornal — *Distração Instructiva*, a — pagina 106, citei um exemplo da cultura do arroz, com feliz êxito, no sitio das *Rilvas*, a menos de 5 leguas

da capital, por um proprietario morador em Alcochete; fazendo ao mesmo tempo algumas reflexões, para incentivo de outros empreendedores, e lembrando a necessidade de agricultural cada vez mais este nosso abençoado e fertil terreno.

Então apenas tinha conhecimento de algumas colheitas nacionaes de 60 a 100 moios d'arroz; mas tendo ultimamente visitado os campos das *Rilvas*, e observando que o resultado dos trabalhos, a que alli se tem procedido, excedeo quanto eu imaginava; direi o que a tal respeito me informaram, e que eu presenciei com a maior satisfação. — Convém primeiro saber — que do empréstimo feito aos lavradores pelo governo, em 1834, tocando áquelle um conto de réis, privado então d'outros meios, por infortunios de sua caza, foi com esta quantia que deu comêço á grande empreza de rotear, e preparar um terreno mui vasto, e quasi todo coberto d'espessos matagaes, e alagados pantanos, para o que sómente havia os bons dezejos: esses porém eram de sóbra,

Penetrando pois o ferro n'aquelle humido labyrintho, prostra o mato, e o arvoredos; o producto das lenhas e madeiras augmenta o modico capital do lavrador: é sangrado o terreno, abrindo vallas, e encaminhando convenientemente as aguas; arrancados os troncos e as raizes, e reduzindo tudo a cinzas, lá o adubam; revolvem-n'o as charruas, e os arados; dividem-n'o em talhões, ou murados taboleiros; lançam-lhes as sementes; e com as regas amiudadas, e as mondas, brotam e crescem as searas do arroz; e repetindo em cada anno egual processo em uma porção d'aquelles brenhosos paúes (na proporção dos haveres do lavrador) eis surge por fim uma bella campina productiva, na qual alternando as sementeiras do arroz com as de outros cereaes, diversos legumes etc., judiciosamente assim poupa e aproveita as suas terras; e acrescentando progressivamente as mesmas sementeiras, vê entrar nos seus celleiros a avultada quantidade de 800 moios d'arroz, só da colheita do ultimo anno de 1843, afóra algumas dezenas de moios de outros generos!

Vericis tambem com gosto, e admiração, o tráfeço creador, que preside áquelles campos e suas pertencas; os numerosos, e aperfeçoados utensis e instrumentos da agricultura; as manadas d'eguas, e bois, que tão util serviço lhes prestam; e ao longe, nos pastios, os touros, alguns dos quaes a mão do homem submetterá ao arado, e á charrua. Os que amam a prosperidade d'este reino, e os centenaes d'individuos que chegam a tirar subsistencia de tão importante estabelecimento, bemdirão ao seu fundador, e não menos áquelle, em quem o dono delegou toda a sua direcção, e que com tanta habilidade, e energia, o tem levado ao pé em que ora se acha.

O mappa seguinte, dando em termo médio, as quantidades, valores, e direitos do arroz importado, e despachado nas duas alfandegas maiores, nos 3 annos findos no ultimo de 1843, mostrará tambem o seu grande consumo, e, por consequencia, a extracção certa das colheitas nacionaes, e permanentes lucros, ou seja em relação ao cultivador, pela isempção dos direitos de consumo do seu genero etc., ou ao paiz, diminuindo as colheitas que ora saem, e que poderão d'aqui ávante ficar para beneficio da nossa agricultura.

S. J. Pedrozo.

MAPPA

Da importação do arroz estrangeiro, e das Possessões Portuguezas, despachado nas duas alfandegas maiores, nos annos abaixo mencionados.

ALFANDEGA GRANDE DE LISBOA.

2738

NAÇÕES.	1841			1842			1843		
	QUANTI-DADE.	VALOR.	DIREITOS.	QUANTI-DADE.	VALOR.	DIREITOS.	QUANTI-DADE.	VALOR.	DIREITOS.
Austria	977	3:968 \$ 000	882 \$ 000	382	1:530 \$ 000	440 \$ 000	34:811	128:765 \$ 000	30:040 \$ 000
Brasil	30:239	119:154 \$ 000	24:726 \$ 000	27:072	101:805 \$ 000	23:654 \$ 000	6:109	22:298 \$ 000	4:418 \$ 000
Estados Unidos	4:928	32:402 \$ 000	6:651 \$ 000	6:368	30:641 \$ 000	5:133 \$ 000	10:624	44:494 \$ 000	11:200 \$ 000
Genova	10:021	42:664 \$ 000	9:061 \$ 000	19:885	83:249 \$ 000	19:115 \$ 000	159	660 \$ 000	152 \$ 000
Inglaterra	853	3:548 \$ 000	795 \$ 000	539	2:458 \$ 000	486 \$ 000	51:703	196:217 \$ 000	45:810 \$ 000
Possessões Portuguezas	47:018	201:736 \$ 000	42:115 \$ 000	54:246	219:683 \$ 000	48:828 \$ 000	10:029	35:553 \$ 000	3:654 \$ 000
	14:619	60:813 \$ 000	5:952 \$ 000	14:938	48:368 \$ 000	3:401 \$ 000	61:732	231:770 \$ 000	49:464 \$ 000
	61:637	262:549 \$ 000	48:067 \$ 000	69:184	268:051 \$ 000	52:229 \$ 000			

ALFANDEGA DA CIDADE DO PORTO.

NAÇÕES.	1841			1842			1843		
	QUANTI-DADE.	VALOR.	DIREITOS.	QUANTI-DADE.	VALOR.	DIREITOS.	QUANTI-DADE.	VALOR.	DIREITOS.
Austria	28:535	117:506 \$ 000	23:048 \$ 000	547	2:198 \$ 000	525 \$ 000	32:325	138:826 \$ 000	21:026 \$ 000
Brasil	100	405 \$ 000	88 \$ 000	27:013	134:069 \$ 000	23:714 \$ 000	1:988	9:946 \$ 000	1:909 \$ 000
Estados Unidos	5:831	23:266 \$ 000	5:092 \$ 000	14:347	57:340 \$ 000	13:579 \$ 000	9:227	38:718 \$ 000	8:727 \$ 000
Genova	123	492 \$ 000	110 \$ 000	271	1:088 \$ 000	313 \$ 000	43:540	187:490 \$ 000	31:662 \$ 000
Inglaterra	34:589	141:669 \$ 000	28:338 \$ 000	44:165	204:039 \$ 000	38:968 \$ 000	5	15 \$ 000	1 \$ 800
Possessões Portuguezas	34:589	141:669 \$ 000	28:338 \$ 000	44:165	204:039 \$ 000	38:968 \$ 000	43:545	187:505 \$ 000	31:663 \$ 800

NOVOS BICHOS DE SEDA.

2739 M. Julien Bertrand, ha mais de 20 annos missionario na China, deu a conhecer á Europa uma nova especie de bichos de seda. São estes mui robustos, vivem e pastam nas azinheiras, e n'ellas formam os seus cazulos.

Na China, onde já ha tempos são conhecidos, auxiliam notavelmente a industria.

A azinheira, de que se mantem, é de uma especie que já anda introduzida e acclimada na Europa.

Logo que vem desabrolhando os primeiros rebentos põe-se em cada arvore um certo numero de bichos. Assim que estes lhe tem comido toda a folha, inclinam-se os ramos até se unirem com os da azinheira proxima, para onde todo este povosinho de Deus passa como os hebreus do deserto para a terra da Promissão. O instincto d'estes sobreleva ao dos outros fiandeiros de seda. Sabem defender-se mutuamente. A sua vida é mais ou menos longa segundo lhes corre o tempo. Aos quarenta dias de nascidos, é que principiam a fazer o cazulo, que é assás volumoso. Colhidos estes

fiam-se, e tem-se uma seda, grosseira sim, mas muito rija e que faz obra de muita dura.

RUINDADE DAS AGUAS DE LISBOA E MODO DE AS MELHORAR.

(Carta.)

2740 Todos sabem, que as aguas concorrem muito para a saude, e sendo impuras e sobrecarregadas de substancias salinas e inorganicas, menos tempo se conservam inalteraveis. Tenho ouvido queixar-se muita gente de falta de digestão, sem saberem atinar com a causa. Mas é certo que provém de se não ter analysado estas aguas, impregnadas de saes, de cal, potassa, magnesia, etc.

Ha muito que as aguas livres estão provando mal, quer isto seja devido a nascentes, que ainda não fossem analysadas, ou a diversas direcções, que tenham tomado por partes onde haja em abundancia saes insoluveis, que sejam arrastados pela corrente. Acontece que por uma fervura prolongada, depositam no fundo das vasilhas partes salinas, a ponto de se poderem arrancar aos pedaços. Ora estas aguas introduzidas na economia animal, necessariamente devem causar muitas molestias. A analyse torna-se portanto muito conveniente, assim para a saude publica, como para a limpeza dos canos, que as trazem aos diferentes chafarizes, porque nos canos se depositam os saes insoluveis, que vem a formar uma crusta, que petrificada, chega a impedir a corrente.

A' camara pertence olhar por isto, e mandar submeter estas aguas á analyse de alguma sociedade scientifica. As camaras anteriores prestaram grandes serviços n'esta parte; não se deve esperar menos da actual.

Isidoro José Gonçalves.

CAMINHOS DE FERRO HYDRAULICOS.

2741 O MOVIMENTO, fecunda origem de innumereis commodidades, recebe todos os dias da sciencia novos agentes, que a facilitam e lhe augmentam a celeridade. O vapor, fazendo voar carruagens e navios, parecia não deixar mais que desejar; e comtudo este triumphador dos cavallos e do vento, podia ainda temer ver-se supplantado por outros fluidos. Temos visto como se trabalha por conseguir, e como em experiencias em ponto pequeno, se tem conseguido produzir o movimento com a electricidade.

Em caminhos de ferro em Inglaterra já tem corrido carruagens empuxadas pela simples pressão atmospherica: ingenhoso invento de que outro dia daremos descripção.

Agora apparece a pressão da agua promettendo os mesmos bons serviços.

O periodico *The Bath Herald* publica a este respeito o seguinte ácerca do systema hydraulico inventado por M. Shuttleworth, como agente motor nos caminhos de ferro.

« Effectua-se a operação por meio da agua encerrada em tubos parecidos com os canos, que distribuem a agua pelas ruas das cidades. E assim como um só d'estes canos se estende á maior parte de nossas principaes ruas, do mesmo modo um dos tubos de M. Shuttleworth se estende por intervallos regulados segundo a força motriz de que se necessita ao longo de um caminho de ferro. Estes tubos porém em lugar de

estarem enterrados, como os dos aqueductos, jazem á flor da terra. »

Esta noticia é ainda na verdade diminuta: repetil-a-hemos mais iudividuada, logo que tal a hajamos recebido.

INCOMBUSTIBILIDADE.

2742 PARA se preservarem do fogo os tectos de côlmo, eis-aqui um meio facil, pouco dispendioso, e já experimentado.

Applique-se sobre a superficie do tecto uma camada de duas a tres polegadas de altura do seguinte mixto: — tres partes e meia de grêda; uma de estercos de cavallo; meia de arêa e meia de cal viva: tudo isto bem misturado.

Se o tecto assim coberto abrir fendas, tenha-se o cuidado de as tapar bem com a mesma composição.

A' primeira vista parece isto admiravel, mas facilmente se acredita que assim deve ser quando se adverte que a palha impregnada de uma agua de cal ou pedra hume fica sendo quasi incombustivel.

Mas na provincia da Beira vimos nós mais — vimos fornos feitos unicamente de palha amassada com barro que serviam como outro qualquer.

De um lavrador dos arredores de Lisboa sabemos — que mandou vir, por sua idéa, uma grande porção dos resíduos de pellos e mais materias, que nas fabricas de cortumes se deitam fóra, e, amassando-a com outra mui diminuta de cal, com a sua competente arêa, fez de tudo excellentes fornalhas, que ainda duram, e demais um tanque tão vedado como se lhe tivesse posto o melhor bitume.

Extraimos o artigo, que segue, de muito interessante periodico mensal, que n'esta cidade se publica, sob o titulo de JORNAL DOS FACULTATIVOS MILITARES.

A GALVANOPLASTICA APPLICADA Á CONSERVAÇÃO DOS CORPOS.

2743 O DR. SOMME (d'Anvers) communicou á real academia das sciencias de Bruxellas, na sessão de 8 de julho proximo passado, um novo meio de conservar os corpos, o qual parece ser superior a todos os processos d'embalsamação conhecidos até aqui. Eis-aqui o como a este respeito se exprime o Dr. Somme: —

« Descobriu-se ha muitos annos que a pilha voltaica tinha a faculdade de decompor os corpos submettidos á sua acção. Estabelecendo-se uma corrente galvanica atravez d'uma dissolução de cobre, de prata ou oiro, o metal revivificado vae depositar-se por camadas mui delgadas sobre os objectos preparados para este effeito: em poucos minutos, estes objectos são cobertos do metal dissolvido. » As artes tem-se servido d'esta maravilhosa propriedade do agente electrico: e é isto a que se dá o nome de galvanoplastica.

« Um pharmaceutico, d'Anvers, Mr. Miguel, fez tentativas afim de vêr se o transporte dos metaes podia tambem operar-se sobre as substancias animaes; e com effeito chegou a cobrir inteiramente de cobre peças anatomicas, até interceptar completamente o contacto do ar, e por consequencia conserval-as indefinidamente. » As fórmulas dos corpos, as mais pequenas pregas da pelle, as feições do rosto, tudo é perfeitamente representado. Uma mãe, que não quizesse separar-se do filho que a morte lhe roubára, poderia

tel-o no seu quarto coberto de cobre, sendo doirado ou prateado a fim de prevenir a oxydação. Peças preparadas assim por Mr. Mignel foram mostradas á academia: alguns membros observaram n'essa occasião, que experiencias semelhantes tinham sido já feitas, e particularmente para a conservação das formas das plantas.

INVENTO MUSICO.

2744 Um fabricante de instrumento em *Gotha*, na Allemanha, inventou, pouco ha, uns diapasones ou ferros de tom ou de afinar, de admiravel pequenez: podem-se trazer pendurados na cadeia do relógio.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

SERMÕES DA QUARESMA.

13 DE MARÇO DE 1638.

2745 A GRANDE reputação, que outr'ora teve o pulpito portuguez, está não sómente abonada pelo testemunho de todas as historias nacionaes e estrangeiras, mas ainda melhor nos muitos e grossos volumes que hoje fazem grandissima parte do catalogo dos nossos auctores classicos.

Entre os oradores, que primaram na prédica quaresmal, foi sempre apontado como o que mais se avantajou, o doctor Fr. Balthazar Paes, frade da Trindade, prégador regio, que entre outras suas obras nos deixou dois tomos de *sermões da quaresma*, havidos e citados ainda em sua vida, como exemplares na materia e no stylo.

N'este dia faz annos que Deus o levou para si, depois de haver prégado em Portugal e Hispanha com tal fama e auctoridade, os oradores sagrados de maior reputação, timbravam em n'ó citar, declarando, como para inspirar todo o credito, quando o doctor Balthazar Paes era presente: *Isto que digo é de quem me está ouvindo*; honroso tributo este que, a vaidade e a inveja poucas vezes consentem se pague ao merecimento.

A sua sepultura estava assignalada com um mui honorifico epitaphio, e era das que mais ennobreciam o convento da Trindade de Lisboa, onde falleceu.

Aproveitando a occasião que ora se nos depara, boa vontade tinhamos de fazer algumas ponderações ácerca da doutrina e eloquencia do pulpito actualmente em Portugal, mas olhando a que nos fallece de todo o ponto, competencia e auctoridade para tocar com bom exito em tão grave assumpto, callaremos, bem á mal de nosso pezar, o desconsólo que nos causa o estado em que se hoje acha entre nós o importantissimo e sublime ministério da palavra de Deus!

Apenas diremos succintamente, que grande serviço farão os nossos prégadores ao christianismo, e prazenteo remedio darão á funesta desmorigeração que por ahí corre á solta, quando consultarem melhor o espirito e adiantamento do seculo em que vivemos.

A. da Silva Tullio.

O GOVERNO NAS MÃOS DO VILLÃO.

MEMORIA DO SEculo PASSADO.

III.

Langue per vezzo; e'l suo infiammato viso
Fan, biancheggiando, i bei sudor più vivo.
Qual raggio in onda, le scintilla un riso
Negli umidi occhi, tremulo e lascivo.
Sovra lui pende: ed ei nel grembo molle
Le posa il capo, e'l volto al volto atolle.

T. Tasso. — *La Gerusalemme Liberata. Canto XVI. Estanc. XVIII.*

; Á UMA, RAPAZES!

2746 A NOITE corria mansa e formosa; nem mal ligeira névoasinha empanava o brilho das estrellas -obucosas, que á imitação de milhares de lampadas pendiam da abobada arqueada e limpa do céu azul-escuro. Apenas uma viração fugitiva e meiga animava as florinhas innocentes do campo, que se abriam, como còfres de myrrha para embalsamar a atmosphera com seus arómas recedentes. E nem um leve signal da vida prosaica se alevantava a quebrar a poetica paz da natureza, que dormia reclinada mollemente no regaço da risonha primavera, que dormia acalentada co'o deslizar fagueiro dos arroyos e com o murmurio saudoso das aguas do Minho.

; Oh! e havia alli tanto de maravilhoso!

Eu tenho para mim, e por muito firme e assentado, que não ha coração de homem tão de bronze, que não sinta entrarem-lhe umas harmonias solemnes ao erguer os olhos, na mudez de uma noite de primavera, e ao vêr um céu tão lindo e tão recamado de luzes, ao aspirar uns perfumes tão suaves, e ao escutar uns mormurios tão acariciadores. ; Quem deixará de compreender então o que ha de nobre e alevantado n'esse mundo de mysterios, que o rodêa, e de conhecer que vive, só n'aquelle instante, mais vida do que toda a que vivêra entre as tumultuosas e falsas pompas da realidade mesquinha

; Quem deixará de saudal-a commovido! Oh! e então quem deixaria de saudar a noite de 2 de abril, em que passava a historia que vos conto!

Muito havia que tudo parecêra assocegar-se no solar da *Lobaria*: o relógio da capella batêra pausadamente a meia-noite.

De certo que tudo já dormia a somno sólto, pois que nem um só passo se escutava por aquellas êrmas e desnudadas sallas, a não ser n'uma d'ellas. . . . — n'aquelle mesma, em que D. Helena, — como os meus leitores estarão lembrados — tanto empenho mostrava em espreitar o céu, pela esguia e recortada janella; — porque era n'essa mesma salla, e juncto d'essa mesma janella, que Helena, a timida e tão recatada Helena, velava em sobresalto, e attenta ao minimo ruido, emquanto sua mãe, que assim lhe queria, se engolfava talvez n'um somno bem amêno e sonhava um porvir de rosas para sua nobre filha, para a illustre herdeira de seus brasões e pergaminhos, sonhava e era feliz.

D. Helena estava assentada ao pé da mesa, sobre a qual apoiava os braços despídos, e brancos, como o transparente alabastro, e occultava entre as mãos o rosto desbotado e languido, como se as forças lhe fallessem para se animar a beber o ar macio e refrigerante da noite, que passava subtilmente pela janella, que lhe ficava fronteira; ; ah! e quanto precisava ella

de hebel-o para apagar o fogo que lhe tisnava os seios d'alma!

Eis que de subito sentiu para o lado um rumorejar . . . um não sei quê . . .

— ; Será já . . . ? — proferiu ella assustada, e ousou levantar a cabeça: olhou . . . escutou . . . prendeu-se-lhe a respiração; arfou-lhe o seio de neve com as oscillações do coração, que parecia não lhe caber dentro no peito. . . . Mas havia-se enganado.

— ; Oh! como ella era então bella e sublime! Um rubor pudibundo tingiu-lhe as faces, e tanto e tanto lh'as accendeu, que lhe foi mister affastar com as mãos, para desaffrontar-se, as finas e anneladas madeixas de seu cabello, que desatado lhe ondeava.

— ; Oh! que pensamentos ferviam n'aquelle cérebro afogueado! — o passado, e até o futuro, tudo se confundia no presente. Amava, e com todo o enthusiasmo de uma alma virgem; amava, e ia ver logo . . . alli . . . a seus pés . . . o homem, que eifrava quanto para ella havia de arrebatador sobre a terra.

A affeição, que tinha a sua mãe carinhosa, a saudosa recordação de seu pae, que tantas vezes lhe fizera verter lagrimas, tudo se desvanecia n'aquelle momento, porque o amor lhe abarcava as faculdades todas. Scismava, esperava . . . quando uma cabeça, uns hombros, e um vulto, como vaporoso e phantastico, começou a assomar mui de mansinho pela parte de fóra da janella; era . . . era elle . . .

D. Helena, apesar de todos os seus desvanecios de ventura, arrastada como por um instincto involuntario, ergueu-se e quiz fugir ao reconhecê-lo, mas ficou, e não pôde resistir a aproximar-se d'elle, e até a estender-lhe a mão convulsa e receosa, para o ajudar a subir o derradeiro degrau da escada de corda, porque o seu nome passára suffocado por aquelles labios tão queridos, invólto de sentimento, de temor e de esperança; deu-lhe a mão; e Fernando, que de um salto galgára cautelosamente o balcão, veio prostrar-se-lhe ajoelhado, proferindo com uma voz lá do intimo, em que ressumbrava respeitosa timidez e arrojada energia: —

— Helena . . . minha Helena . . . — e a falla se lhe perdeu n'um beijo de fogo, que se affoutou a cravar n'essa mão tão linda e tão idolatrada; beijo electrico e de magia, pois que a donzella, como embaída por um feitiço, estremeceu, suspirou, e pendeu desfallecida sobre uma cadeira.

— ; Qual é, qual pôde ser a felicidade perfeita n'este mundo?

Eis aqui o difficilimo problema, que tantas fadigas tem custado.

— ; Não será, porventura, o primeiro encontro, a sós, de dois amantes? Esse primeiro encontro, todo enlêvos e delicias, em que duas almas sedentas se communicam, se confundem, e se encadêam n'aquelles olhares turvos e radiosos, que se trocam, n'aquelles dizeres delirados, que se não ouvem, mas que se comprehendem, n'aquelle arquejar dos peitos, que se apertam, e naquelles ardentes labios, que . . .

— ; Oh! que é esta, em verdade, a maior, a unica ventura possivel!

— E' esta, repito, a unica ventura n'este mundo; porque é sómente, segundo creio, no coração da mulher, que se encerram como diamantes n'um thesouro, as sementes mais puras da virtude, e da felicidade.

— Hei-de crer na mulher; hei-de proclamar que é um anjo, ainda que todos os sabios reunidos proclamem gritando que ella é um demonio.

— Hei-de crer na mulher, porque é do seu amor que nos vem tudo. ; E que seria do homem n'este deserto çáfaro da existencia, sem um ente em que se reflectissem suas mágoas e alegrias? ; que lhe enxugasse o pranto e lhe esmaltasse os sorrisos? — ; que seria o poeta, sem a mulher, que lhe inspirasse e lhe intendesse os canticos? ; harpa abafada com cordas de chumbo! — ; que seria o conquistador, o guerreiro, sem a mulher, que lhe apontasse para o futuro e para a gloria? ; estatua de ferro, salpicada de sangue, com uma corôa de loiro na cabeça! — ; que seria o mais opulento e orgulhoso monarcha do universo, sem a mulher, que o admirasse e o deleitasse? ; ídolo profano de Baal, erguido na sua ara, rodeado das turbas, mas sem vida nem gozos, porque era de oiro macisso!

D. Helena volvéra em si, revocada d'esse cahos deleitoso pelas extremosas fallas do seu Fernando. — ; Que juras que elles faziam, que protestos!

. Julgue-o quem não pôde experimental-o.

Vasava-se-lhe o sentimento do fundo do coração, onde lhe refervia como a lava debaixo das cinzas calcinadas do vulcão.

O presente gosavam-n'o junctos; o futuro promettiam-se que seria um só para ambos; e o passado . . . ; oh! Helena soube alfim tudo, Fernando, o sincero e leal Fernando, confiou-lhe o segredo mais occulto e interessante de sua existencia.

Mal visto pelo grande, mas despotico e duro Marquez de Pombal, a quem seu pae caíra em desagrado, por ser particular amigo dos padres da companhia, crime que o arrastou ás enxovias da *Cova da Moura*, onde expirou de mingoa e de opprobrio, deixou Lisboa — a linda e opulenta Lisboa — para vir arrastar uma juventude desdoirada no retiro e na humildade de uma aldêa, que tanto desdizia de sua creação primorosa.

Penára, penára muito, ao ver-se assim tão fóra do seu elemento, e como arremessado pelo vento do destino das margens do seu Tejo tão fecundo, para as do Minho, tão pobre e tão inhospito. Mas a religião, que o embalára na infancia, era o lenitivo de seus padecêres mais pungentes: soffria o que Deus lhe ordenava que soffresse; e triste, porém sempre resignado, occultava seus honrosos appellidos com o simples e acanhado nome de Fernando; despíra os veludos e as cabaias, para trajar o gibão de ganga e de riço, que não dava menos garbo e realce ás suas fôrmas gentis e regulares: trocára os serões da córte de D. José I pelos folguêdos da pesca e da caça.

Soffria, mas esperava, — como esperam sempre os desgraçados n'este mundo, — esperava ainda uma hora de bonança, e essa hora chegou, porque vira a D. Helena, e seu coração sentia o que nunca havia experimentado: viu-a, amou-a, idolatrou-a; porque aquella donzella viera tornar-lhe mais bello o seu retiro socegado, do que todas as cidades da Europa com seus luxos e recreios. Aquella donzella fóra para elle o oasis de verdura no árido descampado da Arabia, a estrella da salvação entre o negrume da tempestade.

Amara-a, chegára a fallar-lhe, a ouvir d'ella que

era amado . . . ; oh ! e então porque havia de occultar-lhe o seu segredo , esconder-lhe um nome , que o engrandecia !

Fernando contava-lhe tudo , tudo ; e com aquella eloquencia não estudada , eloquencia innata , que reveste a linguagem do homem n'esses fugitivos instantes de enthusiasmo.

Ella . . . ouvia-o ; e de seus olhos deslizavam duas lagrimas , destiladas do âmago do peito , ao passo que um sorriso embriagado lhe deixava interver os dentes como perolas ; — ouvia-o , como a Daídhá de Lamartine , quando Cedar lhe dizia prostrado : —

! Toi m'aimer . . .
! Toi me parler d'amour la nuit et moi t'entendre !
! Moi boire encore ces pleurs que tu viens de répandre !
! Moi reposer encore ma tete sur tes bras !
! Pendant qu'ainsi toujours tu me regarderas !

D. Helena como que tresvariava ; julgava que não se podia ser tão aventurada . Mas era-o : e era mister sêllo sempre .

— Fernando , — lhe disse ella — tu és nobre , és tão illustre , como meu pae , como minha mãe : Fernando Peixoto da Silva : meu Fernando . . . oh ! jura . . . que has-de cazar comigo . . . —

! Cazar contigo ? Helena , minha Helena adorada . . . —
— lhe respondeu o mancebo , como tomado de loucura e ufania — ! Cazar contigo ? . . . —

— ! Cazar ? —

— Oh ! juro-te : serei . . . —

— ! Meu esposo ? —

— Sim . . . —

D. Helena respondeu-lhe com um involuntario grito de alegria , e as bóccas dos dois amantes se encontraram n'um só beijo , enquanto seus cabellos se entrelaçavam desordenados

— ! Jesus ! — exclamaram ambos repentinamente , arrancando-se áquelle abraço encantado , como se uma scentelha de raio houvesse caído entre elles .

— ! A' uma , rapazes ! — Bradou com a voz pavorosa do trovão o furioso Rodrigues , entrando na sala seguido de septe criados , armados de páus de *carvalho* com *choupas* na ponta , que foram investir de chôfre com o esforçado mancebo ; este , levando da sua *faça de mato* , cuidou em seu valor desesperado que poderia assim resguardar-se dos golpes , que apinhados lhe atiravam .

Recuou e ia defender-se . . . mas D. Helena a sua esposa , a triste e desamparada Helena , ouvira ao longe os dolorosos alaridos de sua mãe , e se baqueára , quasi sem vida , no pavimento . Ia a defender-se , mas correu primeiro a acudir-lhe , e a espada do covarde Rodrigues o varou rapidamente pelas costas .

— ! He . . . le . . . na ! . . . — balbuciou elle , e caiu banhado em seu sangue fumegante .

O *escudeiro* arcou-lhe do corpo pelo meio , e ajudado por dois *lacaio*s o arrastou para o cirado contiguo , e o arrojou com força ao ribeiro , — que por baixo corria para o Minho , — ! para o Minho , que se abalava para o mar !

D. Anna entrou desgrenhada pela sala . — ! Minha filha ? . . . — perguntou ella soluçando — ! aonde está minha filha ? —

— Alli . . . — lhe tornou Rodrigues , espumando de enfurecido , e apontando para a formosa D. Helena , que

jazia sem alento — alli , e amanhã ha-de estar no convento de *Val de Perciras* .

D. Anna calou-se , e soluçou mais alto .

E era força que assim se cumprisse , porque assim o *determinava* Rodrigues ; Rodrigues , que vira escapar-se-lhe para um abysmo sem fundo as suas mais vicejantes esperanças , porque chegára a conceber o plano de esposar , um dia , — e talvez breve . . .

! Acredital-o-heis vós , leitores ;

! A herdeira da Lobarria !

(A. Pereira da Cunha.)

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

Extraímos do *Diario do Governo* as seguintes : —

2747 AS FOLHAS inglezas alcançam até 21.

Os debates na camara dos *commons* versaram sobre o estado da Irlanda , distinguindo-se lord John Russell nos ataques contra o governo ; e lord Stanley na refutação de quantas censuras se fizeram ao ministerio , tanto pelas medidas adoptadas para reprimir a agitação , como na decisão de chamar aos tribunaes O'Connell , e os seus principaes collaboradores .

Estes debates ainda ficavam adiados na sessão de 20 . No dia 16 deu entrada na camara dos *commons* Daniel O'Connell , sendo acolhido com muitas acclamações dos bancos da opposição .

Na Irlanda continuavam as reuniões dos agitadores em *Conciliation-Hall* ; mas a tranquillidade publica não havia sido alterada .

A sentença do tribunal do *Queen's Bench* sobre o recurso de nullidade produzido pelos advogados dos agitadores sómente será dada no dia 15 de abril .

No fim da sessão da camara dos *commons* , a 16 , lord Stanley , ministro das colonias , decidido adversario de O'Connell , opinou que nunca annuiria a que se tractasse o clero catholico com as mesmas condições do clero protestante na Irlanda , porque a igreja protestante ficaria reduzida , no caso de se conceder um subsidio á outra igreja , a oitava parte dos seus rendimentos actuaes .

Nota-se que Sir Robert Peel ainda não tomou parte n'este debate .

Na ausencia de O'Connell , Mr. O'Brien fica presidindo a associação do *Repeal* . Em todas as provincias da Irlanda reina tranquillidade .

O *Morning-Chronicle* diz que lord Grey será removido do cargo de *logar-tenente* da Irlanda ; e que dentro em um mez sairá de Dublin . Este funcionario havia instado pela sua exoneração . Ainda se ignora quem será o seu successor ; mas corre o boato de que será nomeado lord Wharnciff . Tambem se diz que o gabinete se occupa agora da adopção de uma medida importante , que é a suppressão do cargo de *vice-rei* de Irlanda .

O rei de SUECIA tem experimentado algumas melhoras . Os boletins dos facultativos aléam até 6 de fevereiro ; mas receia-se que em consequencia da avançada idade d'este soberano , elle acabe por succumbir á enfermidade .

Cartas de S. PETERSBURGO em data de 30 de janeiro

dizem que se publicára alli um ukase do imperador declarando, que o clero catholico das provincias occidentaes do imperio será pago pelo Estado. As freguezias são divididas em cinco classes; os parochos das primeiras receberão de salario annual 600 rublos de prata (400\$ rs.), e os das ultimas sómente 200 rublos.

Em todas as provincias de HISPANHA, á excepção de Alicante e Carthagená, segundo participações officiaes recebidas na secretaria da guerra, reinava socego e ordem.

O commandante geral da provincia de Albacete participa que nas praças de Alicante e Carthagená reina a maior confusão; e que a deserção começava a manifestar-se na tropa sublevada.

De CORUNHA escrevem a 12 do corrente que a noticia da revolta em Portugal tornou as auctoridades hispanholas de Galliza mui vigilantes, especialmente na Tronqueira do nosso paiz.

Ha todas as probabilidades para crer (diz um correspondente do *Heraldo*) que os anarchistas de Hispanha e Portugal estavam de accôrdo; mas pelos esforços das auctoridades espera-se que tanto em um como em outro paiz fiquem frustradas todas as suas combinações.

Está-se á espera da artilheria de grosso calibre que se mandou buscar ao parque de Valencia, a fim de batar em brecha os muros de Alicante no caso de se prolongar a defeza.

Segundo officios das auctoridades d'esta provincia e de Murcia os povos acham-se animados do melhor espirito, e a insurreição limitada aos muros de Alicante e Carthagená.

PORTUGAL.

2748 Lê-se na parte official do *Diario do Governo*: —

O general visconde de Fonte Nova participa em officio de 2 do corrente, que o conde do Bomfim, desanimado pela diminuta guarnição que conserva na praça de Almeida, tem feito as maiores diligencias para reunir alli algumas guerrilhas de Midões, Moimenta, e Foscóá. Asseguro o mesmo general, que estão tomadas todas as providencias para que tal reunião se não possa verificar: que o bloqueio se tem apertado o mais possivel, e que espera com impaciencia a brigada do visconde de Vallongo para o fechar completamente, e cortar toda a comunicação.

Do telegrapho do Porto, á 1 hora e 50 minutos. — A S. Ex.^a o ministro da guerra. — Do commandante da 3.^a divisão militar.

Hoje de manhã parte d'aqui para a divisão de operações, em direcção ao Peso da Regoa, o material de artilheria, e officiaes engenheiros; sendo as peças de calibre desoito, por não haverem no trem os reparos para as de calibre doze. — Amanhã parte o resto das munições, que o commandante de artilheria n.º 3 teve ordem de mandar para aquelle destino, em officio de 2 do corrente, expedido pelo commandante geral da sua arma. — Em 5 do corrente. — José da Silva Pereira, alferes commandante da D. T. Central.

ACTOS OFFICIAES.

2749 *Diario do Governo* de 17 de fevreiro. — Portaria declarando que os boticarios, que não fôrem droguistas, não são obrigados a tirar licença de venda nem a pagar sello. Auto fei-

to em Castello-Branco em que se diz que os sublevados no dia 9 do corrente tiraram do cofre d'aquella cidade 8:363\$300 réis. Portaria louvando dois administradores de concelho do districto de Aveiro, pelas providencias que deram para a construcção de dois telegraphos, que tinham sido destruidos.

Idem de 19. — Decreto: os titulos de divida de transportes e fornecimentos ao exercito libertador entrem no recencamento da divida fluctuante do estado. Venda de bens nacionaes.

Idem de 21. — Venda de bens nacionaes. A alfandega grande de Lisboa rendeu no mez de janeiro passado 196:809\$473 réis: a do Porto 123:445\$053 réis: a das septe-cazas 76:095\$624 réis.

Idem de 22. — Venda de bens nacionaes.

Idem de 23. — Carta de lei prorogando em todas as suas disposições a carta de lei de 6 do passado. Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 24. — Alvará elevando a villa de Thomar á categoria de cidade. Relatorio da juncta administrativa do hospital de S. José em que mostra o estado florecente d'aquelle tão util estabelecimento. Ordem do exercito n.º 10. Venda e remissão de fóros e pensões. Decreto addiando as côrtes até ao dia 22 de abril.

Idem de 26. — Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 27. — Portaria elogiando o governador civil do districto de Angra pelo zelo e diligencia, que empregou no promovimento e distribuição da subscrição em favor dos habitantes da villa da Praya.

Idem de 28. — Portaria ordenando que nas citações ou intimações administrativas se proceda do modo e com as solemnidades prescriptas no artigo 205, § 2.º da novissima reforma judiciaria. Sua magestade imperial e sua augusta filha cedem a beneficio do estado de quatro contos de réis. Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 29. — Venda de bens nacionaes.

Idem de 1 de março. — Venda de bens nacionaes.

Idem de 2. — Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 4. — Ordem do exercito n.º 11. Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 5. — Venda e remissão de fóros e pensões.

PUBLICAÇÕES POETICAS.

2750 Vão sair á luz, sem intervallo, e em prazos sempre os mais breves que possivel fôr, as obras de Antonio Feliciano de Castilho — editor, Thomaz Antonio de Paiva. Cada volume poderá ser havido, pelo modo que mais agradar a cada pessoa; — comprado, depois de findo, 600 réis: — por subscrição, paga ou logo ou á entrega do exemplar broxado, 480 réis: — por subscrição, entregando-se ao assignante as folhas a duas e duas, até o volume se concluir, 100 réis, á entrega de cada duas folhas.

Outras differenças ha ainda no tamanho ou qualidade do papel, sendo porém apenas de 200 a tiragem dos exemplares melhores.

Os vendidos, em papel superior, custarão 800 réis: — em papel optimo, 960 réis.

Os exemplares aos subscriptores, que os recebem inteiros, em papel superior 720 réis: em papel optimo, 800 réis.

Os exemplares para os assignantes ás cadernetas de duas folhas, em papel superior 120 réis: — em papel optimo, 140 réis.

Tomam-se os nomes dos subscriptores na loja dos Srs. Bertrands, juncto á igreja dos Martyres, — na da viuva Henriques, rua Augusta n.º 1, — no escriptorio da *Revista Universal Lisbonense*, rua dos Fanqueiros n.º 82 — e no da *Typographia Lusitana*, rua do Abarracamento de Peniche n.º 43.

A correspondencia para o mesmo fim deve ser dirigida ao editor, franca de porte, e poderá o valor

das assignaturas de provincia ser enviado pelo seguro do correio, ou entregue, na vizinhança de cada localidade, á pessoa que o editor, em resposta á carta que receber, designará. Os assignantes da provincia receberão os seus exemplares do modo que indicarem, encarregando-se o editor de os transmittir gratuitamente (salvo sendo pelo correio geral) aos seguintes pontos — Lisboa, Porto, Coimbra, Setubal, Evora, Faro, Castello-Branco, Viseu, Guimarães, Braga e Bragança, Ilhas da Madeira e de S. Miguel.

Os primeiros volumes, que incessantemente vão saír, são, por esta ou differente ordem — EXCAVAÇÕES POÉTICAS — um volume: — O PERSBYTERIO DA MONTANHA — um volume: — CONSOLAÇÕES — um volume: — AS FLORES — um volume: — USBECK, conto oriental em verso — um volume: — AS QUATRO PARTES DO DIA E A FESTA DO AMOR PILLIAL — um volume: — A SACERDOTISA DE VENUS — um volume: — O RAMAL DE PEROLAS, contos persicos em verso — um volume: — TRADUÇÃO DAS METAMORPHOSES DE OVIDIO — 2.^o e 3.^o volumes: — TRADUÇÃO PARAPHRÁSTICA DOS AMORES DO MESMO — tres volumes: — XACARAS, ROMANCES E LENDAS — um volume: — IGNEZ DE CASTRO, romance em prosa — um volume: — O HOMEM DO DIABO E DE DEUS, OU O SANCTO FR. GIL, romance em prosa — um volume: — A FELICIDADE NO SEPULCHRO OU HISTORIA DE UMA NOITE DE S. JOÃO — um volume: — D. QUIXOTE DO ROMANTISMO, novella em prosa e em verso — um volume: — etc. etc.

Convirá que as pessoas que desejarem subscrever, se apressem a fazel-o, para que os seus nomes cheguem a tempo de serem incorporados no catalogo dos assignantes ás EXCAVAÇÕES POÉTICAS, volume que se acha já no prélo.

MACROBIA.

2751 A STATISTICA não é um vão intertenimento: é a laboriosa fornecedora de todas as sciencias moraes e politicas e da medicina na sua mais ampla acceção: — novissima no mundo, tem já produzido nelle resultados de uma importancia real incontestavel: — é quanto basta, para que não cansemos de prégar; — que olhem por ella n'este reino, a criem e a desinvolvam todos os que por sua posição social o podem.

Sabemos que alguns d'estes, bons espiritos, e amantes da sua patria, andam já sollicitos no desempenho de tal dever: — ; mas são poucos! ; ainda mal! — Para excitarmos nos restantes uma honrada e proficua rivalidade, folgamos de poder publicar algumas notas statisticas excellentes, relativas ao districto de Angra, e devidas ás illustradas diligencias do respectivo governador civil, o Exm.^o Sr. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

Deixando as outras para outros numeros da nossa folha, começamos hoje pela statistica da longevidade, fazendo-a preceder da circular, que lhe serviu de fiat; e que, não tanto por vaidade, aliás perdoavel, assoalhámos, como pela já apontada razão — de que exemplos d'estes são lições; e lições d'estas são benefícios para todo o povo: —

N.^o 645 — 2.^a repartição — Circular — Ilm.^o Sr. — Todas as vezes que a imprensa periodica dá bons conselhos, e illustrados avisos, ou suggere optimas lembranças, é do dever das auctoridades aproveitar tudo no sentido de mais cabalmente cumprirem os deveres de seus cargos, e de proporcionarem ao povo a maxima somma de benefícios.

A *Revista Universal Lisbonense* no seu artigo 1459 lembra, com prudentissimo juizo, o grande serviço, que as auctoridades administrativas podem prestar sobre um importante objecto da saude publica, qual é o de tomarem notas das pessoas que chegam a uma idade muito adiantada, com declaração das causas que provavelmente para isso contribuíram.

Pareceu-me excellente o conselho, e para o aproveitar venho rogar a V. S. o seguinte:

De hoje em diante servir-se-ha V. S. de indagar com todo o cuidado e minucioso exame, e empregando para isso todos os meios ao seu alcance, quaes as pessoas dos dois sexos, e de differentes condições, existentes no concelho a seu cargo, que já contam um grande e extraordinario numero de annos de idade: — e bem assim quaes as pessoas que tendo morrido nos ultimos dez annos chegaram a uma idade muito adiantada, qual a de 90 annos e d'ahi para cima. E finalmente servir-se-ha V. S. de ir dando successivamente parte do fallecimento de qualquer pessoa que tiver chegado a uma idade extraordinaria.

Como porém uma tal statistica seria inteiramente estéril, por isso que de nada mais constaria do que de nomes, e seja conveniente acompanhal-a de observações que possam derramar alguma luz sobre a hygiene publica e domestica; torna-se indispensavel que V. S. procure indagar por meio dos reverendos parochos, regedores de parochia, por meio de informações de particulares, e até das familias, em cada um dos casos acima mencionados, qual foi ou é o modo de viver d'essas felizes creaturas que chegaram ou chegam a gozar de uma invejavel longevidade. Para bem se preencher esta indicação, é mister que as informações se estendam ás maiores miudezas da vida d'esses taes N-stores, e que se saiba com toda a individuação qual é ou foi o seu modo de viver no comer, no beber, no vestir, no dormir, no trabalhar etc. etc.

Alô bom juizo de V. S. entrego o fiel cumprimento d'esta minha rogativa, ficando esperançado em que ainda n'este caso V. S. querera dar mais uma prova do seu zelo, e bondade.

Deus guarde a V. S. Palacio do governo civil em Angra do Heroismo 11 de maio de 1843 — Ilm.^o Sr. administrador do concelho de..... — O governador civil — José Silvestre Ribeiro.

NOTA STATISTICA DAS PESSOAS QUE NO DISTRICTO DE ANGRA DO HEROISMO FALLECERAM DE EDADE DE 90 ANNOS PARA CIMA.

2752 ILHA GRACIOSA: — *Villa da Praya*: — Manuel Espinola da Veiga morreu a 17 fevereiro 1841 de 93 annos — casado. — Não teve filhos — occupava-se na agricultura: seu sustento era pão de cevada, hortaliças, legumes, peixe, e usava de vinho.

D. Leonor da Gloria morreu a 28 março 1840 de 92 annos — casada. — Occupava-se no seu arranjo domestico: sustento o mesmo do precedente.

Manuel do Conde Paes morreu a 15 setembro 1834 de 91 annos — casado. — Teve 4 filhos: seu sustento o mesmo.

Rafael de Miranda morreu a 16 dezembro 1839 de 94 annos — casado. — Teve 9 filhos: lavrador.

Domingos José de Bittencourt morreu a 26 outubro 1836 de 95 annos — casado. — Teve 8 filhos: lavrador.

João dos Santos Picanço morreu a 3 outubro 1841 de 93 annos — casado. — Não teve filhos.

Villa de Sancta Cruz. — Antonio Cardoso Garafão morreu a 10 outubro 1834 de 90 annos — viuvo. — Trabalhador.

Antonio José Pereira morreu a 25 abril 1836 de 93 annos — casado. — Professor de primeiras letras.

D. Francisca do Rozario morreu a 4 setembro 1837 de 90 annos — solteira. — Occupava-se em costura, e fazer meia.

Manuel Espinola morreu a 20 dezembro 1839 de 93 annos — viuvo. — Lavrador.

João Espinola morreu a 5 março 1840 de 90 annos — viuvo. — Lavrador.

Josefa Maria morreu a 1 dezembro 1840 de 91 annos — viuva. — Occupava-se no trabalho domestico.

D. Izabel morreu a 2 fevereiro 1841 de 90 annos — casada. — Occupava-se no trabalho domestico.

Luzia da Conceição morreu a 14 fevereiro 1841 de 95 annos — viuva. — Occupava-se no trabalho domestico.

D. Anna morreu a 22 dezembro dito de 92 annos — viuva. — Occupava-se no trabalho domestico.

Francisco José morreu a 27 dito, dito de 90 annos — cazado. — Facheiro.

Antonio de Quadros Espinola morreu a 3 fevereiro 1843 de 90 annos — viuvo. — Empregado nos cargos da vereação.

Sebastião José dos Ramos morreu a 9 dito dito de 95 annos — viuvo. — Pescador.

Izabel do Rozario morreu em outubro 1833 de 90 annos — viuva. — Occupava-se em trabalho domestico.

Thimoteo de Mello Pacheco morreu em novembro 1836 de 90 annos — viuvo. — Lavrador.

Antonio Espinola de Bittencourt morreu em junho 1836 de 90 annos — cazado. — Lavrador.

Gaspar Dias Eiró morreu em fevereiro 1838 de 91 annos — viuvo. — Lavrador.

Manuel Corrêa de Souza morreu em janeiro 1840 de 91 annos — viuvo. — Trabalhador.

D. Maria dos Santos morreu em novembro 1841 de 91 annos — viuva. — Occupava-se no trabalho domestico.

S. JORGE. — *Villa do Fogo*. — Boaventura Machado morreu a 3 abril 1834 de 93 annos — solteiro. — Nunca sentiu molestia: comia bem; leite, batatas, hortaliças, pão de milho, e de cevada.

Marianna de Jesus morreu a 30 novembro 1841 de 99 annos — viuva. — Nunca sentiu molestia: comia bem.

Maria de Azevedo morreu a 15 abril 1836 de 90 annos — viuva. — Morreu em uma erupção vulcanica.

Miguel Macedo Gonçalves morreu a 28 outubro 1836 de 99 annos — viuvo. — Morreu de uma hydropesia. Conservou até poucos dias antes de morrer agudeza de sentidos.

Maria Santa Xavier morreu a 22 novembro 1840 de 96 annos — viuva. — Activa no seu trabalho: viveu com abundancia: morreu hydrópica, e tinha 95 annos quando fez a pé uma viagem de duas leguas.

NOTA STATISTICA DAS PESSOAS QUE NO DISTRICTO DE ANGRA DO HEROISMO EXISTEM COM A EDADE DE 90 ANNOS PARA CIMA.

ILHA GRACIOSA. — *Villa da Praya*. — Valerio do Sacramento, da freguezia de S. Mattheus, nasceu a 12 maio 1750: idade 93 annos — solteiro. — Occupa-se na agricultura: seu sustento é pão de cevada, hortaliças, legumes e peixe.

Maria de S. José, da freguezia de S. Mattheus, nasceu a 22 junho 1751: idade 92 annos — viuva. — Teve 7 filhos: seu sustento é pão de cevada, hortaliças, legumes e peixe.

Ignês de Santo Antonio, da freguezia da Senhora da Luz, nasceu a 25 fevereiro 1750: idade 93 annos — viuva. — Teve 9 filhos: seu sustento é pão de cevada, hortaliças, legumes e peixe.

Manuel Macedo Novaes, da freguezia da Senhora da Luz, nasceu a 2 janeiro 1752: idade 92 annos — viuvo. — Teve 8 filhos: occupa-se na lavoura: seu sustento é pão de cevada, vegetaes, e algumas vezes peixe, e faz uso de vinho.

Lauriana Roza, da freguezia de S. Mattheus, nasceu a 12 junho 1750: idade 93 annos — viuva. — Teve 9 filhos: conta 3 trinets: acha-se em boa disposição, occupando-se no arranjo domestico: faz costura: sae para fóra: sustenta-se de legumes, hortaliças; alguma carne, peixe, e usa de vinho e aguardente com frugalidade.

¿NÃO PODERÁ A CRUZ SALVAR O CORPO?
(Carta.)

2753 Tonos aquelles que, involtos nos turbilhões politicos, que teem revolvido, e quasi aniquilado o nosso bello paiz, fomos arrojados a esses, que dizem, mais civilizados, viemos de lá com a manfa citatoria mais ou menos desinvolveida; cada qual cita o que no seu entender achou mais digno de mencionar-se. — Havia um grande nosso, que nada achava tão admiravel

nos francezes, como a providencia com que tinham murrão acêso á porta de cada estanque para commo-didade dos fumistas. — Dizem que eu não sou dos mais citadores, entretanto tambem cito, como vae vêr-se. Lembrou-me que a citação poderia auctorisar o conselho de cautella, que vou dar a grande parte dos meus conferraneos; nem é muito que eu espere que um bom costume pegue com o exemplo, quando o mesmo exemplo a tantos máus serve de valhacontu.

Em París e outras cidades notei eu que quando havia qualquer reparação para fazer nos edificios, appareciam logo colgando de um e outro lado d'elle duas, sufficientemente bem faciadas cruces de madeira, a cujo sinal todo o caminhante fugia como um possesso; muitas vezes, ao vêr tal, me lembrou um dictado nosso bem sabido.

Na nossa Lisboa é bem pelo contrario: parece que a força attractiva, para debaixo de qualquer edificio em obra, está na razão directa das alentadas trancas postadas nos extremos. Aperta-se-me o coração quando vejo a imprudencia, com que pessoas de todas as classes e edades se expõem a um perigo, que só por providencia divina não causa mais victimas. — Ha tempos, vi eu debaixo da casa de Mr. Julien, cabelleiro, uma pobre velha com a cabeça feita n'um bolo, porque sobre ella caíra um pintor, que em uma d'essas esparrelas, que por ahi se armam, chamadas andaimos, pintava o quer que fosse na frontaria do predio. Comparando pois a assisada cautella dos parisienses com a disparatada incuria do geral dos nossos lisbonenses, tem-me occorrido que ás taes trancas tão ludibriadas, como o rei barrote da fabula, conviria substituir como signal mais emblematico, as cruces, que, para mais expressão, se pintariam de preto, com as armas do cemiterio no centro, e em amarello um distico afugentador. Se houver quem ainda assim vá arrostar uma morte ingloriosa, é louco, e n'esse caso. . . . — palhas, ía eu a dizer! e as reclamações? em um governo d'egualdade perante a lei quem póde desattendel-as? e, attendendo-as,

Qual será o vão bastante

para alojar a tanto delirante?

Não insisto no alvitre, só sim no quanto releva desviar, pelo modo mais efficaç, tanto incauto do eminente risco a que se expõe; e como os conselhos salutareos aos nossos concidadãos tem de ordinario a iniciativa no seu estimavel jornal, é para esse fim que a elle recorre.

De V.

V. D.

MISSIONARIOS.

2754 Os padres missionarios, que o anno passado estiveram em S. Roque, fazendo os seus exercicios espirituaes, esta quaresma estão na freguezia de Sancta Catharina, no extincto convento dos Paulistas.

PIANO E PIANISTA NOTAVEIS.

2755 N'um dos dias da proxima semana, na grande sala do real theatro de S. Carlos, dará o Sr. Marchal pianista de SS. MM. o imperador da Russia e rei da Suecia, um grande concerto. Sabemos que a elle tencionam concorrer todos os nossos grandes musicos, e consideravel numero de pessoas a cujo conhecimento ha chegado a bem merecida reputação do Sr. Marchal. Temos por mais de uma vez ouvido este

insigne artista, e ingenuamente confessamos que nos não parece possível ser excedida a sua pericia, e dextresa. A impressão que produz no espirito de quantos o ouvem é a mesma que produz em si proprio; arrebatava-se a si e aos outros; dissereis que nem sequer lhe chegam aos ouvidos as estrepitosas demonstrações de applausos com que galardoaes o seu merecimento.

É n'um magnifico forte pianno do Sr. Bartholomeu Thibaut (afamado fabricante francez, residente n'esta corte), que o Sr. Marchal tenciona tocar; vi-mo-lo, e sem hesitar declaramos que os melhores piannos inglezes e allemães, por maior que seja a força e vibração de seus sons, deverão necessariamente ceder a palma aos do Sr. Thibaut, que n'este ramo nada tem que invejar, pois chegou n'elle ao maximo grau de perfeição. Serão pois duas maravilhas emvez d'uma que poderão ao mesmo tempo admirar-se.

VANTAGEM COMMERCIAL PARA PORTUGAL.

2756 *Importação de Portugal e madeira nos portos de S. Petersburgo, Riga, e Pernaú; e exportação d'esses portos para Portugal em 1843.* — Segundo os calculos officiaes a importação foi de réis 728:118\$000, e a exportação de productos da Russia de réis 659:210\$005, resultando uma differença de réis 68:907\$995 em favor de Portugal.

Estes productos foram conduzidos em 129 embarcações de todas as nações, numero superior em 11 navios ao da navegação de 1842.

O seguinte resumo mostra um augmento assás consideravel de actividade nas relações commerciaes com a Russia em 1843:

Em 1842 a importação effectuou-se em 43 navios no valor de réis 590:706\$750. Em 1843 a importação teve logar em 63 navios no valor de 728:118\$000.

Em 1842 a exportação realison-se em 42 navios no valor de 468:506\$625. Em 1843 a exportação fez-se em 60 navios no valor de 659:210\$005.

Em presença d'este favoravel impulso é de suppôr que as operações futuras vão em augmento, e que a navegação de Portugal para o imperio da Russia adquirida a importancia que deve ter pelas relações de interesses e de commercio que ha entre os dois paizes ha muitos annos a esta parte.

HOSPEDES SEM SER CONVIDADOS.

2757 ERA entrada a noite: — preparava-se uma familia de senhoras, d'esta cidade, para ir para um dos publicos bailes do carnaval, quando lhes chegam dois cavalheiros, trajados para função rija. Não houve remedio senão recebê-los. Eram visitas da caza, e á hora, a que chegavam, não havia grande razão para temer, que se demorassem. A estas duas visitas, seguiram-se porém logo, com pequenos intervallos, 3, 4, 5, 20, 50, innumeraveis, e todas no mesmo ceremonial. Era um baile inesperado: — aproveitaram para elle com sublime resignação os dispendios de toucador feitos para outra parte; e o serão, que durou até á madrugada, foi tão cheio e animado, como

cumpria a uma coisa que assim virar com um character providencial.

No dia seguinte, quando a manhã, até uma ou duas horas depois do meio-dia, devia ser empregada na cama em descansar de tão bella noite, — uma nova série de visitantes se apresenta. D'esta vez não são já damas e cavalheiros dançantes; é um dentista, um çapateiro francez, uma parteira, um afinador de pianos, um limpa-chaminés, uma das elegantes modistas do Chiado, um cabelleireiro, um medico, um tira-nodoas, tres cocheiros, que todos teem á porta as suas carruagens, e outros varios individuos serviços pertencentes a diversas occupações. Cada um d'elles affirmava ter sido chamado para aquella caza, e não admittia ser despedido antes de ter mostrado o seu prestimo e bom serviço.

A' noite, rendendo-se ao convite de uma particular amiga, que as rogava para tomarem com ella o chá e dançarem duas contradanças, foram achar a caza hermeticamente fechada. Era já mais que demasiado. Para se desferrarem d'este derradeiro lance, foram aproveitar no club o restante do serão. Ah! nova raridade as esperava ainda: — quantas senhoras e homens do seu conhecimento lá estavam, vieram, cada um e cada uma por sua vez, dar-lhe mil satisfações por não terem podido, absolutamente, acceitar o seu obsequioso convite para o baile da vespera.

Foi então finalmente que se pôde intender o enigma: — algum d'estes conscienciosos jogadores do entrudo, que, talvez por algum impedimento grave, teria deixado de pregar peças pelo espaço de muitos annos, determinára resumir todas estas dívidas n'um só pagamento, e escolhêra, para objecto da sua penitencia, a innocente e respeitavel familia, cujo nome não declaramos, e que daria tudo por descobrir este invisivel filho ou neto do homem das botas-de-cortiça.

EM TODA A PARTE CABE A VIRTUDE.

2758 Havia semanas que uma pobre mulher, ainda moça e carregada de lucto, tinha ido com dois filhinhos, um de cinco, outro de dois annos, pedir esmola á porta de uma caza de certa apparencia, n'uma das ruas da cidade, perpendiculares e visinhas ao Té-jo. A moradora da caza parecêra condoida d'aquelle painel, tomára nos braços a cada um dos meninos por sua vez, beijára-os muito, dêra-lhes bolos para comerem e para levarem, fizêra-os rir e mais á mãe, cujo traje, e cujo semblante principalmente, pareciam dizer, que essa expressão de alegria muito havia já que lhe era estranha; depois, convidára-os para jantar; — a pobre senhora accitára com agradecimento, com tanto porém — que os deixariam na cozinha comer entre os criados, ao que a benigna hospedeira, depois de alguma difficuldade, não teve remedio senão render-se.

Á despedida lhes rogou, primeiro aos filhos do que á mãe, e primeiro ao mais pequenino, — que voltassem muitas vezes a vel-a.

D'ahi por diante a mesma scena se tinha repetido duas vezes por semana, apertando-se cada vez mais os laços da mutua afeição, entre os protegidos e a protectora, que, não tendo força para fazer acceitar presente algum á sua nova amiga, sempre com tudo

achava modo para esconder em alguma parte do vestido de seus amiguinhos, com que haverem pão para dois ou tres dias.

Quem seria porém este ente generoso, que tão bem empregava os dons da fortuna de que parecia estar de posse?

Era uma desgraçada. — As suas salas, ornadas com algum luxo e muito gosto; as suas gallas dispendiosas e sempre variadas, encobriam mais tristezas e peiores que as paredes, provavelmente nuas, e o vestuario preto da mendiga. Esta mulher, que a natureza tinha predeterminado para ornamento do seu sexo, tinha sido, como tantas, derribada de tão florente cume pela mão da fatalidade, de despenho em despenho, até quasi ao fundo de um abysmo.

Esta mulher vendia a sua virtude, sem ter cessado de a amar: detestava secretamente o vicio, forçada a se lhe immolar todos os dias; e essa mesma repugnancia visivel, com que se abandonava aos desejos brutaes de uma mocidade barbara nos seus amores, era ainda para esses schakaes um novo estimulo. A facilidade do prazer se lhes adubava por uma repugnancia moral, que elles adivinhavam sem custo. O simulachro da pureza no centro da corrupção, não para se adorar mas para se pizar, dizem elles que é um grande e feliz achado: — elles, esses deshumanos que não reflectem, que a mulher pensa e muito; que a mulher é sensivel até ao extremo; que a mulher envelhece e não perde a memoria; e que para a mulher que não póde mais voltar para o sexo d'onde desertou, cada hora do seu passado a vaee aguardar em furia ao redor do seu leito de morte, quando já pende para o sepulchro ou sorvedoiro commum dos mendigos no cemiterio.

Carolina (pomos esta mascara sobre o bello rosto do nosso anjo descaído) Carolina vingava-se do seu infortunio, combatendo o dos outros em se lhe deparando occasião; e, não podendo já crer na efficacia das suas orações ou na possibilidade de ser amada com amor, comprazia-se em provocar com beneficios a amizade e as orações dos desvalidos, principalmente as da infancia; da infancia, em que muito cria, da infancia, a quem idolatrava — ah! e com quantas invejas quando via passar por longe d'ella e sem ousar olhal-a a mãe de familias, embora indigente, rodeada de seus filhos todos gentís e todos alegres!

No domingo de entrudo, a pobre viuva, como na caza lhe chamavam, chegou mais tarde que o seu costume e lavada em lagrimas. O mais velho de seus dois inseparaveis, vinha ferido no rosto por uma laranjada que no caminho lhe atiraram. Já se estava á meza: a criada os recebeu, segundo o estylo, na cozinha. A dona da caza, que n'esse dia tinha visitas a jantar, logo que soube da chegada da sua viuva, levantou-se, e não obstantes os epygrammas e commentarios dos convivas sobre a boa escolha das suas relações, e sobre a sua charidade, correu, talvez com mais ancia por isso mesmo, a abraçar a sua amiga. Qual não foi porém a sua magoa, vendo a faccinha que ella costumava beijar com tanto prazer, ferida e ensanguentada. Tomou o innocente nos braços, e como para confundir os ridiculos gracêjos dos seus comensaes, tornou-se logo com elle para a sala onde os deixára.

Um d'elles, um militar, o que mais a apodára sobre a sua charidade, o que na caza parecia mais intimo e continuo, e que no festim occupava o seu lado direito, apenas deu com os olhos no anjinho, manifestou um abalo que lhe não foi possivel dissimular. Carolina, contente pelo coração, e talvez um pouco tambem pela vaidade, do effeito que assim acabava de produzir sobre o seu mofador, quiz rematar o seu triumpho, passando-lhe para os braços aquelle suave pezo, e obrigando-o a acaricial-o. N'este momento, a creança que tinha reconhecido á primeira vista o rosto da pessoa a quem era offerecida, e a qual debalde procurava affectar um ar sereno encobrindo-se com o lenço que tinha na mão, estendia-lhe ambas as suas, e toda alvoroços lhe dava repetidas vezes o nome de pae. Este descobrimento foi um raio de luz para Carolina; mas dissimulou o melhor que póde, até que todos se levantaram, os sentimentos contrarios que a agitavam: então chamando á parte, o seu petrificado, e entregando-lhe o menino que elle na sua confusão, não tinha valor para acceitar nem para repellir, lhe disse, que não era a unica restituição que lhe devia; que elle tinha outro filho e uma esposa que ella ia entregar-lhe. Voa á cozinha, e conduzindo cada um por sua mão, sem que nenhum d'elles adivinhe o que os espera, lh'os apresenta; e com aquelle irresistivel tom de superioridade que a virtude em taes lances deve influir, lhes ordena que se abracem. Não o ousava a mulher, ousava-o ainda menos o marido. Carolina avaliando o enleio da situação, viu logo a necessidade de supprir-lhes com a sua industria a falta de expedientes. « Senhora, disse ella, fui eu a que sem querer lhe estraviei um marido, que até no meio das suas distrações nunca cessou de a amar; restituo-lh'o pedindo o seu e o meu perdão: pelo amor d'estes innocentes, pelo amor de si mesma, ha de conceder-m'o. Senhor, eis-aqui a mulher cujas virtudes me louvava de continuo, e que tantas invejas me causavam, torne a recebê-la n'este lugar mesmo, e d'esta mão: a mão que lh'a apresenta, o lugar onde a recupera, tudo pela contraposição, está fazendo realçar dobradamente os seus meritos; e de todos elles o maior é o amor, que já absolveu tudo, que já esqueceu tudo, e que não se lhe restitue agora porque nunca cessou de lhe pertencer. » Não nunca, nunca! exclamou n'uma explosão de lagrimas a enluctada, arrojando-se em joelhos e com as mãos postas aos pés do seu offensor, que imitando de repente o seu movimento, e com lagrimas tambem, com lagrimas de arrependimento, de vergonha e de ternura, a tomou ao peito como um namorado na primeira hora de posse dos seus amores.

Não havia meia hora que se tinha recolhido a casa o reconciliado e felicitado par, quando uma carta de Carolina dirigida ao filho mais velho, e que o pae recusou abrir, foi lida pela alvoroçada noiva que achou n'ella pouco mais ou menos estas palavras. « Sou uma infeliz que não devo nem posso esperar tornar a vê-los: recebam todos as minhas despedidas; restituo-lhes o que lhes pertence. Resae ambos por mim, que sou a unica para quem não ha felicidade n'este mundo. »

Voltada a pagina acharam-se entre a primeira e a segunda folha da carta algumas notas do Banco de Lisboa.